

COMUNICAÇÃO

Não transmissibilidade do CABMV do maracujazeiro por sementes*

Nobuyoshi Narita^{1**}, Valdir A. Yuki², Marcelo Agenor Pavan³

Instituto Biológico, Unidade de Pesquisa e Desenvolvimento-Marília, SP. ¹APTA/Pólo Regional da Alta Sorocabana, Presidente Prudente-SP, narita@aptaregional.sp.gov.br; ²IAC/APTA, Campinas-SP, vayuki@iac.sp.gov.br; ³FCA/UNESP, Botucatu-SP, mapavan@fca.unesp.com.br. *Parte da Tese do primeiro autor. Universidade Estadual Paulista-Faculdade de Ciências Agrárias, Botucatu (2007). **Parcialmente financiado com recursos do CNPq.

Autor para correspondência: Nobuyoshi Narita (narita@aptaregional.sp.gov.br)

Data de chegada: 21/04/2007. Aceito para publicação em: 10/10/2011.

1484

No Brasil, o PWV foi descrito primeiramente em Feira de Santana-BA (Yamashiro et al., Congresso Brasileiro de Fruticultura, 5., 1979, Pelotas, **Anais. SBF**, 1979, p.915-917), causando perdas significativas, e já foi relatado nos principais estados produtores de maracujá (Chagas, et al. - **Fitopatologia Brasileira**, v. 6, p. 259-268, 1981.; Chagas et al. - **Revista Brasileira de Fruticultura**, v. 14, n. 3, p. 187-190, 1992; Bezerra et al. - **Fitopatologia Brasileira**, v. 20, p. 553-560, 1995). Em todos os casos, o PWV foi identificado como agente etiológico da doença, com base em características biológicas e sorológicas. Mas estudos recentes com análise da seqüência de aminoácidos da proteína capsial de isolados de diversas regiões têm indicado que isolados deste vírus estão mais relacionados ao *Cowpea aphid-borne mosaic virus*, (CABMV), do que com o próprio PWV (Nascimento et al. - **Fitopatologia Brasileira**, v. 29, p.378-383, 2004; **Archives of Virology**, Published on line, April 07, 2006).

Até o momento se desconhece a transmissão via semente deste vírus. Em observações em mudas de maracujá com propósitos comerciais ou experimentais demonstraram que não há evidências da transmissão via semente (Taylor & Greber - Fainhani Royal: **Commonwealth Mycological Institute**, 1973. (Description of Plant Viruses, 122)). Estudos realizados por Inoue et al. (**Fitopatologia Brasileira**, v. 20, n. 3, p. 479-487, 1995) com o objetivo de avaliar a transmissão, do total de 418 sementes, germinaram somente 180, e nas avaliações visuais realizadas durante dois meses, não se observou nenhuma planta com sintomas.

Nos anos de 2001 e 2002, foram coletados frutos de maracujá azedo em 51 plantações comerciais em municípios da região da Alta Paulista (Marília, Vera Cruz, Garça, Ocaçu, Lupércio, São Pedro do Turvo, Guaimbê e Getulin). Os frutos foram coletados nos meses de abril, maio e junho de 2001 e janeiro, fevereiro e março de 2002. De

cada propriedade foram coletados frutos de 10 plantas com sintomas visuais nas folhas (mosaico, “embolhamento”) e nos frutos (endurecimento, casca coriácea) (Figura 1).

Após maturação uniforme dos frutos, as sementes foram extraídas e após fermentação por um período de 24 a 36 horas, foram lavadas numa peneira, secas sobre papel toalha na sombra e selecionadas visualmente.

De cada propriedade, foram semeadas 256 sementes em bandejas de poliestireno com 128 lóculos preenchidas com substrato (Plantmax[®]) e adubadas com adubo de liberação lenta (Osmocot[®] 18-09-27) na proporção de 150 gramas para cada saco. Após semeadura as bandejas foram mantidas em casa de vegetação com as laterais providas com telas anti-afídeos. As bandejas foram regadas diariamente e semanalmente pulverizadas com inseticida (Imidacloprid - 30 g/100 L água) e fungicida (Carbendazin - 100 mL/100 L de água).

Dois meses após a emergência foram contados o número de plantas por bandeja e realizado a análise visual das folhas. As plantas suspeitas e oito plantas escolhidas aleatoriamente de cada bandeja foram levadas para o laboratório do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Fitossanidade IAC-Campinas para teste sorológico de ELISA, do tipo PTA e testes através de inoculação mecânica em plantas indicadoras.

Do total de 13056 sementes utilizados no teste, germinaram 10592 e nas avaliações realizadas visualmente dois meses após a germinação, não foram observadas nenhuma planta sintomática. Nos teste sorológico (ELISA) e de inoculação em plantas indicadoras os resultados foram negativos. Resultados semelhantes aos citados por TAYLOR et al. (1973) e obtidos por INOUE et al. (1995).

Os dados revelam que o CABMV não é transmitido por sementes, assim não é esta a via de introdução em áreas indenes e sim através de afídeos vetores.



Figura 1. Sintomas do CABMV, nas folhas e frutos do maracujazeiro azedo.